

## ■ DOSSIÊ - ARTIGOS

### ■ O Inventário como ponto de partida à construção da Escola do Campo no Distrito Federal

 Ana Carolina Pinto de Souza Seixas \*

**Resumo:** O presente artigo<sup>1</sup> apresenta a Oficina de Inventário, uma das práticas de formação continuada em Educação do Campo da Secretaria de Estado de Educação do Governo do Distrito Federal. O Inventário é um método que contribui para o entendimento e a construção da identidade da escola do campo e a oficina busca facilitar esse encontro. E dessa forma, propõe o estudo e o trabalho coletivos, o conhecimento do entorno associado ao conteúdo curricular e a reflexão crítica sobre a organização do trabalho pedagógico. Os resultados são recentes e requerem a análise constante conforme o caminhar de cada escola, mas não deixam de apontar que, para além do planejamento, a escola precisa avançar na sistematização de suas atividades, no aperfeiçoamento do registro imbuído de memória e organização para documentar a realidade na qual vivem as escolas do campo da rede pública do Distrito Federal.

**Palavras-chave:** Inventário. Escola do Campo. Ligação do Currículo à Vida.

---

\* Ana Carolina Pinto de Souza Seixas é bacharela e licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mestre em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília. Professora em exercício na Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação da Secretaria de Estado de Educação do Governo do Distrito Federal e pesquisadora nas áreas de Etnobotânica, Agroecologia e Agrobiodiversidade. Contato: [anacarolina.sedf@gmail.com](mailto:anacarolina.sedf@gmail.com).

## O que é o Inventário na perspectiva da Escola do Campo?

O Inventário é a ferramenta a ser utilizada pela escola do campo para conhecimento da sua realidade, a partir do levantamento e do registro sistematizados de informações sobre a história, a cultura, a natureza e a biodiversidade, as formas de produção e o trabalho e as organizações coletivas, em determinado território. O estudo acerca da comunidade, a partir de onde vivem as/os estudantes, as famílias com seus laços sociais e o que produzem por meio do trabalho, é a base para a delimitação do espaço a ser inventariado.

Com sua construção prevista no Currículo em Movimento (DISTRITO FEDERAL 2013), o Inventário é uma prática a ser defendida nos Projetos Político-Pedagógicos (PPPs) das escolas do campo. Essa institucionalização do Inventário dá ênfase ao seu caráter coletivo e planejado, que envolve educadores<sup>2</sup> e educandas/os no questionamento acerca da realidade na qual estão inseridas/os, relacionando os conteúdos do currículo à vida da comunidade e desenvolvendo atividades pedagógicas com base nessa relação.

A prática do Inventário, ancorada na realidade, é elemento formador na identidade da escola do campo, pois se pauta em memórias, costumes, tradições, saberes e experiências, que são fruto da história de vida das famílias e de sua organização enquanto comunidade. Na intenção de conhecê-la e respeitá-la assim como ela é, a escola tem o desafio de ir além de seus seus próprios muros e descobrir novas maneiras de aprender e ensinar. Dar voz às/aos estudantes e ingressá-las/os numa pesquisa sobre o lugar onde vivem são práticas que alteram a lógica tradicional de educação. O protagonismo não só estimula o diálogo entre escola, família e comunidade, mas também cria oportunidades para uma gestão mais participativa, envolvendo maior número de pessoas nos processos de tomada de decisões, assim como propõem as Leis de Diretrizes e Bases da Educação e as Diretrizes Nacionais de Educação do Campo (BRASIL, 1996, art.13, inciso VI; BRASIL, 2002, art. 10).

Neste processo de construção da escola do campo a partir do Inventário, as escolas retomam a sua função social, reconhecendo o seu entorno como espaço de educação, percebendo que ambos, escola e ambiente, são determinantes na formação do ser humano. Por isso, a escola precisa ser repensada, a partir da reflexão, do estudo e da interação com o meio, para formar trabalhadoras e trabalhadores conscientes de sua realidade e, portanto, capazes de compreender e discutir as contradições sociais do meio em que vivem (FREITAS *et al.*, 2013). A construção do Inventário por cada escola do campo estimula a reflexão acerca dessas realidades.

## E por que uma Oficina sobre o Inventário?

A rede pública do Distrito Federal (DF) vem demarcando, desde 2012, o território da Educação do Campo, ao nível de políticas públicas e de formação continuada. A transformação da escola rural - ora instituída pelas elites a partir de um olhar sobre o camponês como um sujeito ignorante e sobre o campo como um ambiente de atraso - em escola do campo - essa construída sob a perspectiva das/os trabalhadoras/os a partir de seus processos de luta pela terra, pelos direitos, pelas políticas

públicas e por uma educação vinculada a suas vidas e trabalho - é um processo lento, que requer o empenho em múltiplos aspectos (RIBEIRO 2012; MOLINA; MOURÃO SÁ 2012).

Essa transformação começa a partir do conhecimento sobre as comunidades nas quais essas escolas se inserem e, nesse sentido, a equipe de formação continuada da Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE) tem canalizado os seus esforços. Em cumprimento à estratégia 8.25 da meta 8 do Plano Distrital de Educação (DISTRITO FEDERAL, 2014), a EAPE busca ampliar sua atuação de modo a atender as demandas da rede pública de ensino. Assim, as Oficinas Temáticas em Educação do Campo são pensadas a partir de 2016 para realização no próprio ambiente escolar e impulsionadas pelas/os educadores em formação continuada que são as/os responsáveis em demarcar e ampliar o diálogo entre as formadoras e a escola.

Esse contato, por meio das oficinas, potencializa as atividades de acompanhamento, orientação e avaliação destinadas ao período de intervenção das/os cursistas no ambiente em que atuam: a escola. Os espaços e tempos de formação alternados entre intervenção e estudo consistem em uma maneira diferenciada adotada pela Educação do Campo, não só como superação do distanciamento entre campo e cidade, neste caso entre as escolas e o centro de estudos - a EAPE - mas principalmente como reconhecimento das experiências da comunidade em diálogo com o que se aprende na escola<sup>3</sup>.

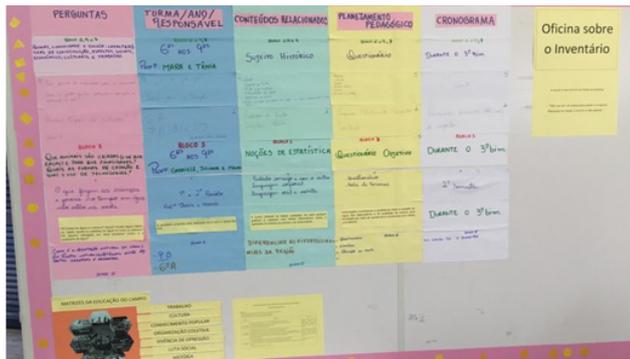
O interesse demonstrado pelas/os cursistas e pelas escolas do campo na construção do Inventário e as dificuldades por elas apresentadas acerca do planejamento pedagógico coletivo para alcançar tal perspectiva são os principais argumentos para o desenho da Oficina Temática “Construção do Inventário da Escola do Campo” pela EAPE. Vinculada aos pressupostos e aos conteúdos do Currículo em Movimento (DISTRITO FEDERAL, 2013), a Oficina propõe à escola a realização de um planejamento que a permita vivenciar a sua realidade, usufruir de seus espaços e ampliar a concepção de sala de aula por meio das saídas a campo.

## A prática da Oficina: uma forma de abrir as trilhas em Educação do Campo

Essa Oficina foi posta em prática nos cursos de formação da EAPE nos anos de 2017 e 2018 tendo reverberado em especial na Escola Classe (EC) Córrego Barreiro, da Coordenação Regional de Ensino (CRE) do Gama, na EC Lajes da Jiboia, da CRE Ceilândia, no Centro de Ensino Fundamental (CEF) Sargento Lima, da CRE Santa Maria, e no CEF Nova Betânia, da CRE São Sebastião (Figura 1). Mas foi em outubro de 2018, por meio da contribuição de assessoras/es pedagógicas/os e cursistas do Programa Escola da Terra<sup>4</sup> (Figura 2), que a oficina ganhou um corpo coeso, sendo delineada como método a ser aplicado pelas escolas do campo na construção do Inventário da Realidade.

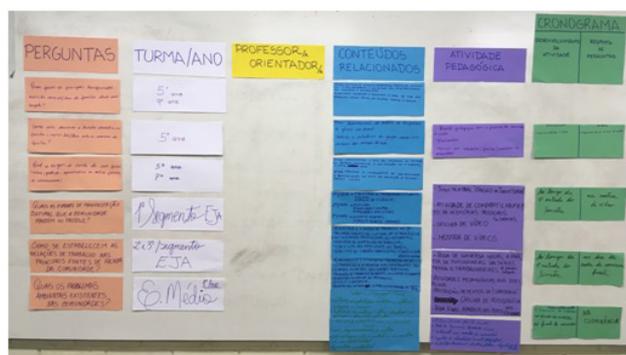
A Oficina consta de um método pedagógico que foi construído para ser desenvolvido nas escolas do campo no período de um turno de coordenação coletiva<sup>5</sup>. A/o formador/a da Oficina deve apresentar o quadro de planejamento (Quadro 1) e orientar os Grupos de Trabalho (GTs) a preenchê-lo. A Oficina começa com a reflexão individual acerca do Inventário,

Figura 1. Planejamento do Inventário realizado pela coordenação local do CEF Nova Betânia



Fonte: Coordenação pedagógica coletiva, CEF Nova Betânia, 2018.

Figura 2. Oficina realizada com cursistas e assessoras/es pedagógicas/os da Escola da Terra.



Fonte: GTs, EAPE, 2018.

que depois é compartilhada no grupo no sentido de contribuir, junto com a prévia leitura dos textos publicados pela autora Roseli Caldart (2016) e pela Gerência de Educação do Campo - GCAM (DISTRITO FEDERAL, 2016), o conceito de Inventário da Realidade. A atividade seguinte, realizada em GTs, consiste na tarefa de formular uma pergunta, a qual será respondida por meio de um planejamento pedagógico que relaciona os conteúdos do currículo às atividades previstas em cronograma definido.

Para tal atividade, a/o proponente da Oficina deve conduzir as atividades, conforme o exposto no Quadro 1, e ter em mãos o seguinte material:

- i. Caldart, R. S.; Hadich, C.; Tardin, J. M.; Daros, D.; Sapelli, M. Freitas, L. C.; Kolling, E. J.; Cerioli, P. R.; Silva, N.; Martins, A. Inventário da Realidade: guia metodológico para uso nas escolas do campo. Guia discutido no Seminário: Educação em Agroecologia nas Escolas do Campo. Veranópolis/RS: IEJC, 2016.;
- ii. Governo do Distrito Federal, Coordenação de Políticas Educacionais para Etapas, Modalidades e Temáticas Especiais de Ensino. Inventário: Proposta Didática para Construção de Inventário Social, Histórico e Cultural das Escolas do Campo. Brasília: SEEDF, 2016.
- iii. Governo do Distrito Federal, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Currículo em Movimento da Educação Básica: Pressupostos Teóricos. Brasília, 2013.

- iv. tarjetas de cartolina branca e/ou colorida;
- v. fita crepe;
- vi. canetinhas de cor escura;
- vii. folha de papel branca e/ou o caderno de campo;

Quadro 1. Passo-a-passo para realização da Oficina

ATIVIDADES	TEMPO NECESSÁRIO
Realizada preferencialmente em coordenação coletiva, mas também por área do conhecimento	
<b>1. O que é o Inventário da Realidade? (Escrita individual)</b>	15 min.
<b>2. Construção do conceito de Inventário com base na leitura de dois ou três relatos sobre a atividade 1 e nos materiais i, ii e iii*</b>	30 min.
*Caderno Pressupostos Teóricos	
<b>3. Divisão do coletivo em Grupos de Trabalho, cada um com aproximadamente 4 membros:</b>	5 min.
3.1) Distribuição por grupos das perguntas sugeridas nos materiais i e ii.	
3.2) Leitura, reflexão, escolha e/ou reformulação da pergunta, considerando sua complexidade e os segmentos da Educação Básica que a escola atende.	10 min.
3.3) Escrever a pergunta em tarjeta com as canetas coloridas	10 min.
<b>4) Com base no Currículo em Movimento:</b>	50 min.
4.1) Definir os conteúdos escolares relacionados à pergunta. Escrever estes conteúdos em tarjeta.	
4.2) Indicar qual turma/ano poderia se responsabilizar pela pergunta. Escrever o nome de cada uma das	
4.3) Indicar qual professor/a orientador/a será responsável pelo acompanhamento da turma no sentido de OBS.: A/o professor/a deve promover com a turma indicada um debate acerca da pergunta levantada e estar	
4.4) Elaborar o planejamento pedagógico, definindo as atividades que serão desenvolvidas para pesquisar a resposta para a pergunta, conforme os conteúdos a ela relacionados. Escrever as atividades em tarjeta.	
OBS.: O professor/a orientador/a e a turma, juntos, tem a tarefa de investigar a questão e realizar as atividades de modo que, ao final do processo pedagógico, tenham alcançado a resposta para a pergunta formulada.	
<b>5) Escrever na tarjeta o cronograma definido para:</b>	10 min.
5.1) o desenvolvimento das atividades planejadas;	
5.2) a resposta à pergunta.	
<b>6) Apresentação do planejamento construído</b> por cada grupo, colando as tarjetas de cartolina com fita crepe sobre a parede da sala de professoras/es, em sequência conforme o quadro 2.	30 min.
<b>7) Avaliação do planejamento construído com base nas seguintes questões:</b>	20 min.
• O planejamento é viável?	
O que a escola precisa para pôr em prática as atividades planejadas?	
Essa Oficina contribuiu para a prática do Inventário em minha escola? Por quê?	
Alguma sugestão ou crítica com vistas ao aperfeiçoamento desta Oficina?	

Fonte: Equipe de formação em Educação do Campo da EAPE, 2017.

Quadro 2. Planejamento a ser preenchido por cada Grupo de Trabalho.

Pergunta	Conteúdos Relacionados	Turma/Ano	Professor/a orientador/a	Atividade Pedagógica	Cronograma	
					Desenvolvimento da Atividade	Resposta à pergunta

Fonte: Equipe de formação em Educação do Campo da EAPE, 2017.

É recomendada à escola que está realizando a Oficina a definição de um grupo de sistematização, responsável por organizar em portfólio os documentos e os registros feitos por cada turma/ano e sistematizar as informações em documento único que compõe o Inventário da Realidade. É importante que este grupo seja formado por representantes dos corpos docente, discente e administrativo da escola.

Sabe-se que nem todas as escolas do campo do DF estão no mesmo nível de construção do Inventário. Existem escolas que já iniciaram o processo, mas nem sempre de maneira coletiva, planejada e em condições de produzir um registro organizado, e existem aquelas que ainda não deram o primeiro passo. Esta Oficina busca atender a todas, independente de sua etapa de construção e, para isso, a escolha da pergunta por cada GT deve ser feita de maneira criteriosa e com base no material já produzido pela escola. Recomenda-se que as questões acerca da Comunidade e da Organização Familiar, conforme a proposta organizada pelo Governo do Distrito Federal (DISTRITO FEDERAL, 2013), sejam as primeiras a serem respondidas, a fim de fornecer a base para o conhecimento da realidade na qual a escola se insere.

### **Categorias de Análise dos Inventários das Escolas do Campo**

Essa categorização, construída em diálogo com a GCAM, parte da análise dos Inventários produzidos até então pelas escolas. Tem como base o roteiro proposto por Caldart *et al.* (2016) somado a adaptações à realidade da rede pública do DF. O instrumento, ainda em fase de transformações, tem como objetivos pontuar os critérios para a construção do Inventário, orientar o estudo e avaliar junto às escolas o passo-a-passo a ser construído por cada uma delas.

#### **1. Abrangência da investigação:**

- 1.1) Envolvimento das comunidades escolar e local;
- 1.2) Modo como foi realizado o recorte territorial para o estudo;
- 1.3) Abrangência de realidades distantes que influenciam a vida das famílias<sup>6</sup>.

#### **2. Métodos utilizados:**

- Criação de vínculo com a comunidade por meio de:
- 2.1) Entrevistas;
  - 2.2) Questionário<sup>7</sup>;
  - 2.3) Observação e observação participante;
  - 2.4) Atividades na escola envolvendo as comunidades escolar e local;
  - 2.5) Parcerias com movimentos sociais, Instituto Federal Brasília (IFB), Universidade de Brasília (UnB), Instituições Governamentais, entre outros;
  - 2.6) Saídas a campo.

#### **3. Planejamento das Atividades:**

- 3.1) Sugere-se como planejamento o Quadro 2 da Oficina “Construindo o Inventário da Escola do Campo”;
- 3.2) Levantamento de registros feitos pela escola que possam ser consultados;
- 3.3) Vinculação entre Inventário e PPP.

#### **4. Ligação do Conteúdo com a Vida:**

- 4.1) Processo educativo envolvendo trabalho, conhecimento, ensino e participação;

- 4.2) Ligação entre o Inventário e as atividades de produção agrícola<sup>8</sup>;

#### **5. Desdobramentos práticos quanto à:**

- 5.1) Transformação do espaço escolar;
- 5.2) Reorganização do trabalho pedagógico;
- 5.3) Perspectivas e planejamento de próximos passos;
- 5.4) Interdisciplinaridade.

#### **6. Aporte científico<sup>9</sup>:**

- 6.1) As perguntas como ponto de partida;
- 6.2) Método utilizado;
- 6.3) Registro e sistematização das informações;
- 6.4) Conclusões;
- 6.5) Publicação.

A análise por meio dessas categorias só se faz possível quando a escola entende o que é o Inventário da Realidade. Embora haja esforços por parte da EAPE, da GCAM e, sobretudo, das escolas para tal entendimento, parece que ainda não estão claros a concepção, o estudo, a prática, a organização e a produção do documento final. Esta falta de clareza ficou evidente a partir da análise dos Inventários produzidos e encaminhados à GCAM no final do ano letivo de 2017. Poucas escolas encaminharam (12% do total) e, as que encaminharam, produziram documentos muito aquém do que pode ser um Inventário. Essa realidade endossa a necessidade da prática da Oficina vinculada a demais atividades que possam ser formuladas para contribuir a esse entendimento.

### **Os resultados obtidos a partir da Oficina**

A Oficina “Construindo o Inventário da Escola do Campo” reforça a ampliação da formação continuada em Educação do Campo, conforme previsto no PDE 2015-2024 (DISTRITO FEDERAL, 2015). Por meio de sua realização, as escolas se dedicam à leitura, ao debate, à reflexão e, especialmente, ao planejamento coletivo acerca do Inventário da Realidade. Tendo a pergunta como ponto de partida e tudo o que a ela se relaciona, a Oficina ilustra de maneira rápida e até mesmo lúdica o planejamento a ser efetivado pela escola. As atividades propostas contribuem para o entendimento de que o estudo e a prática do Inventário se vinculam ao conteúdo curricular e à vida da comunidade da qual a escola faz parte. O exercício gerou planejamentos, tais como os expressos no Quadro 3.

O interessante do planejamento expresso neste Quadro 3 é que ele inicialmente não prevê saída a campo, a menos que as atividades a serem planejadas por cada disciplina, prevejam. O que ele sugere é o aproveitamento em potencial da sala de aula, já que as atividades sugeridas estão previstas para realização dentro do espaço escolar. Quando se trata da Educação de Jovens e Adultos ou de aulas realizadas no período da noite, a possibilidade de saída a campo se reduz por conta do turno, mas nada impede que as atividades sejam feitas a partir da resignificação da sala de aula. E o GT em questão trouxe esse olhar diferenciado.

Mas fazer a Oficina apenas não basta! É preciso manter o engajamento coletivo para que as atividades planejadas sejam cumpridas conforme o cronograma. Isso exige da escola um processo constante de formação na perspectiva de alterar o

seu fazer pedagógico, ampliar a sala de aula em saídas a campo (considerando a ressalva expressa acima) e fazer conexões entre o que é aprendido na escola e o que é vivido em comunidade. Nesse diálogo, as/os estudantes ganham protagonismo e, embora as experiências nesse sentido sejam ainda incipientes, elas já contribuem para o aumento da participação coletiva e da tomada de decisões de maneira mais ampla e democrática, como tem se demonstrado, sobretudo, nas Escolas Classe Córrego Barreiro e Lajes da Jiboia.

Ambas as escolas avançam na formação continuada e se propõem à realização das Oficinas Temáticas em Educação do Campo. Com isso, envolvem todos os segmentos da escola e buscam a melhor convivência entre todas/os. Caminham, portanto, no sentido de experimentar uma nova forma de organização escolar, em que as/os estudantes tenham voz ativa e espaço para decidir junto às/aos professores os melhores rumos para a escola.

A Oficina, embora tenha impulsionado o planejamento e a organização do Inventário com base no trabalho coletivo, não deixou de evidenciar a dificuldade das escolas no que diz respeito à sistematização das informações. Mesmo que a Oficina tenha proposto a definição de um grupo responsável por tal tarefa, os registros feitos a partir das atividades pedagógicas planejadas não estão documentados por meio de fotos com legendas, dados referenciados e transcrições corretas das entrevistas, tampouco estão organizados em um formato adequado para caracterizá-lo como Inventário da Realidade. As informações oriundas das saídas a campo são dispersas e sem uma organização básica capaz de compor o documento a que se propõem as escolas. Essa evidência sugere à equipe de formação da EAPE junto às escolas do campo o desenvolvimento de atividades que tenham como objetivo central o registro e a sistematização de suas ações planejadas e, principalmente, de suas respostas encontradas às perguntas formuladas.

### E agora, quais são as perspectivas?

A partir da compreensão de que o Inventário é um método que contribui para a construção da identidade da escola do campo e que sua prática e seu estudo estão imbricados ao Currículo em Movimento (DISTRITO FEDERAL, 2013), considera-se a possibilidade de mudanças na organização do trabalho pedagógico. A reorientação desta prática propõe não só a extensão do ambiente da sala de aula e dos conteúdos nela vivenciados no sentido de incluir os espaços e os conhecimentos da comunidade, mas, sobretudo, o reconhecimento do protagonismo estudantil, que provoca a

Quadro 3. Planejamento construído por GT formado, durante a Oficina, por assessoras/es pedagógicas/os e cursistas da Escola da Terra

<b>Pergunta:</b> Como se estabelecem as relações de trabalho nas principais fontes de renda da comunidade?
<b>Turma/Ano que fará a investigação:</b> 1º segmento da Educação de Jovens e Adultos
<b>Conteúdos do Currículo em Movimento que se relacionam à pergunta:</b> A história e o mundo do trabalho no Distrito Federal; Reconhecimento da cultura, da experiência e do interesse profissional de estudantes; História da construção de Brasília; Vida e luta de africanos no Brasil; Direitos da/o cidadã/o brasileira/o: Constituição – Direitos e Deveres; A geografia e o mundo do trabalho no Distrito Federal; O trabalho e a técnica nas diferentes sociedades humanas / sociedades agrícolas; Formação de trabalhos temáticos, utilizando fotografia; Dimensão humana do trabalho; Ética e cidadania; Questão das diferenças entre os membros da sociedade.
<b>Atividades pedagógicas a serem desenvolvidas para investigação de possíveis respostas à pergunta:</b> Roda de conversa inicial a partir de fotografias de Sebastião Salgado em seus livros Terra (1997) e Trabalhadores – uma Arqueologia da Era Industrial (1996); Atividades pedagógicas a serem planejadas por disciplina, conforme os conteúdos acima mencionados; Produção de textos; Oficina de fotografia das/os estudantes; Roda de conversa final a partir dessas fotografias.
<b>Cronograma:</b> <b>Desenvolvimento da atividade:</b> Ao longo dos 1º e 2º bimestre de 2019 <b>Resposta à pergunta:</b> Final do 2º bimestre

Fonte: GT, EAPE, 2018.

reorientação das atividades propostas pela escola com base em tópicos e demandas apresentados pelas/os estudantes.

Dentre as perguntas que guiam a composição do Inventário, sugere-se atenção especial àquelas relacionadas ao estudo do calendário agrícola praticado pela comunidade a fim de documentar os períodos de plantio e colheita, as festas tradicionais vinculadas a essas atividades e a organização do trabalho familiar envolvido. Essas informações são fundamentais para, quem sabe num futuro próximo, as escolas do campo, no que couberem, possam usufruir de um calendário escolar específico baseado na alternância de tempos e espaços e que, portanto, respeite a vida das/os camponeses por elas atendidas/os. A formação continuada em Educação do Campo proposta pela EAPE já vem traçando caminhos nesta perspectiva, trazendo a Alternância não só como método, mas também como princípio.

No decorrer da formação, em especial nos resultados que tangem a realização da Oficina de Inventário, ficou evidente a dificuldade das escolas no registro e na sistematização adequada de informações. Tal fato, quem sabe, aponte para a produção de material específico que possa orientar essas ações. Esse material consistiria em uma espécie de “Manual para Construção do Inventário da Realidade”, organizado e publicado pelas instâncias competentes da SEEDF em parceria ou não com demais instituições, assim como o manual organizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan (BRASIL 2016), que possa auxiliar às escolas do campo no registro de suas atividades e na sistematização dos dados coletados e servir de complemento aos documentos propostos por Caldart *et al.* (2016) e pela GCAM/GDF (DISTRITO FEDERAL, 2016).

E assim, o trilhar da Educação do Campo no DF vem se ampliando e se tornando cada vez mais firme, na participação cada vez maior das escolas nos espaços de formação continuada, nos avanços na formulação de políticas públicas e na superação

das dificuldades encontradas no caminho. E o Inventário como principal ferramenta de estudo representa não só o ponto de partida para a construção das nossas escolas do campo, mas todo o trajeto a ser percorrido por elas. ■

## Notas

- <sup>1</sup> Agradeço a todas as professoras e a todos os professores das escolas da rede pública do Distrito Federal que, de alguma forma, contribuem para a formação continuada em Educação do Campo, com especial reconhecimento: à Anna Izabel Costa Barbosa, parceira de vida e trabalho; ao grupo que vem se formando com a Escola da Terra, em parceria com a Universidade de Brasília; à Gerência de Educação do Campo, nas pessoas de Maura Luciane de Souza e Sergio de Oliveira Souza; à Helana Freitas e à Deborah Moema Campos Ribeiro, pelos aprendizados de sempre.
- <sup>2</sup> Assim como propõe Pistrak (2009), toda/o a/o profissional que atua na escola é um/a educador/a, o que pra nós em nível de DF inclui: profissionais que atuam na segurança, nos serviços gerais, na administração, na gestão escolar e nas salas de aula. Considerando ainda que, a auto-organização das/os estudantes é um dos pilares para se avançar na construção da escola do campo, onde todas/os as/os envolvidas/os na escola atuam na gestão da mesma.
- <sup>3</sup> Para ampliação do horizonte acerca da Pedagogia da Alternância, sugere-se Barbosa (2012) como leitura.
- <sup>4</sup> O Programa Escola da Terra é uma das ações do Programa Nacional de Educação do Campo - PRONACAMPO (BRASIL, 2013a), e tem por objetivos “promover a formação continuada específica de professores para que atendam às necessidades de funcionamento das escolas do campo e das localizadas em comunidades quilombolas e oferecer recursos didáticos e pedagógicos que atendam as especificidades formativas das populações do campo e quilombolas” (BRASIL, 2013b). No DF, o Programa está em vigência desde setembro de 2018, por meio de uma parceria entre a SEEDF, a UnB e o MEC.
- <sup>5</sup> A oficina requer três horas de trabalho. Recomenda-se que seja realizada na escola em coordenação coletiva, mas também pode ser realizada nas coordenações por área de conhecimento caso a/o proponente tenha dificuldades nessa articulação.
- <sup>6</sup> Como realidade distante consideramos, por exemplo, uma usina ou fábrica que, embora situada fora dos limites territoriais que o estudo abrange, altera ou influencia a vida das famílias da comunidade inventariada.
- <sup>7</sup> O questionário, ainda que seja uma importante ferramenta para levantamento de dados, não é o melhor método para fins de Inventário, visto que possui uma estrutura fechada e construída pela escola antes de ir ao campo, o que prioriza as hipóteses e as categorias do mundo cultural de dentro da escola e que, não necessariamente, correspondem às perspectivas da comunidade (VIERTLER, 2002).
- <sup>8</sup> É importante que a escola problematize as diversas origens, características e finalidades das produções agrícolas de seu entorno, considerando as relações de trabalho, os movimentos de luta pela terra, a relação entre produção e natureza e os fins econômicos.
- <sup>9</sup> Entendendo ciência como prática do cotidiano que, vinculada aos conteúdos curriculares, funcionam também como suporte à construção do Inventário.

## Referências bibliográficas

- BARBOSA, Anna Izabel Costa. **A organização do trabalho pedagógico na Licenciatura em Educação do Campo/UnB**: do projeto às emergências e tramas do caminhar. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2012.
- BRASIL, Casa Civil. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- \_\_\_\_\_, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação Patrimonial**: inventários participativos – manual de aplicação. Brasília: Iphan, 2016.
- \_\_\_\_\_, Ministério da Educação. **Resolução nº 1, de 3 de abril de 2002**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.
- \_\_\_\_\_, Ministério da Educação. **Portaria nº 86, de 1º de fevereiro de 2013**. Institui o Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO) e define suas diretrizes. 2013a
- \_\_\_\_\_, Ministério da Educação, Coordenação Geral de Políticas de Educação do Campo. **Manual de Gestão**: Escola da Terra, 2013b.
- CALDART, R. S.; et al.. **A Inventário da Realidade: guia metodológico para uso nas escolas do campo**. Guia discutido no Seminário: **Educação em Agroecologia nas Escolas do Campo**. Veranópolis/RS: IEJC, 2016.
- DISTRITO FEDERAL, Coordenação de Políticas Educacionais para Etapas, Modalidades e Temáticas Especiais de Ensino. **Inventário**: Proposta Didática para Construção de Inventário Social, Histórico e Cultural das Escolas do Campo. Brasília: SEEDF, 2016.

- \_\_\_\_\_, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Básica**: Pressupostos Teóricos. Brasília, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Plano Distrital de Educação 2015-2024**. Lei 5.499, de 14 de julho de 2015. Brasília, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Plano Distrital de Educação 2015-2024**, Texto Base. Brasília, 2014. Disponível em <<https://forumdistrital.se.df.gov.br/fde>>. Acesso em: Outubro 2018.
- FREITAS, L.C.; SAPELLI, M. L. S.; CALDART, R. S. **Colégio Estadual do Campo Iraci Salette Strozak, Escola Itinerante do Estado do Paraná**: Plano de Estudos. Cascavel, Paraná, 2013.
- MOLINA, M. C.; MOURÃO SÁ, L. Escola do Campo. *In*: CALDART, R.S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- PISTRAK, M. **A Comuna Escolar**. Moscou: RaboenickProsweshchenya, 1924. Tradução de Luiz Carlos de Freitas e Alexandra Mazenick. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- RIBEIRO, M. Educação Rural. *In*: CALDART, R.S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- SALGADO, S. **Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Trabalhadores** – uma Arqueologia da Era Industrial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- VIERTLER, R. B. Métodos Antropológicos como Ferramenta para Estudos em Etnobiologia e Etnoecologia. *In*: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, Pereira da (eds.). **Métodos de Coleta e Análise de Dados em Etnobiologia e Etnoecologia e Disciplina Correlatas**. Rio Claro, São Paulo: UNESP/CNPq, 2002.